

Crônicas de um português sobre a construção de uma capital: possibilidades para o estudo das sensibilidades urbanas

Verona Campos Segantini
EBA/UFMG

Resumo

Este estudo teve por objetivo compreender os impactos da urbanização sobre os corpos e sentidos dos habitantes do arraial de Belo Horizonte, local que abrigaria a nova capital do estado de Minas Gerais. Recorremos à produção literária/jornalística de Alfredo Camarate, viajante português, sujeito de múltiplas experiências. Lançou seu olhar sensível e atento sobre a cidade, registrando, em suas crônicas, publicadas no jornal *Minas Gerais*, ao longo do ano de 1894, as alterações que o antigo arraial sofria para se tornar cidade-capital.

Palavras-chave: cidade; literatura; sensibilidade.

Résumé

Cette étude a eu le but de comprendre les impacts de l'urbanisation sur les corps et les sens des habitants du village Belo Horizonte, lieu qui abriterait la nouvelle capitale de l'État de *Minas Gerais*. Le document principal utilisé a été la production littéraire et journalistique de Alfredo Camarate, voyageur portugais, une personne d'expériences variées. L'écrivain jette son regard sensible sur la ville et enregistre à travers ses chroniques publiées sur le journal officiel de l'État, le *Minas Gerais*, les transformations subies par l'ancien village pour être la ville-capitale.

Mots-clé: ville; littérature; sensibilité

Apresentação: um cronista português em um cidade em construção

Paisagem em transformação. Imagens sobrepostas: alargamento de ruas, construção de avenidas, luz elétrica, meios de transporte em velocidade jamais experimentada, convivência com estranhos. Qual é a experiência de vida em uma cidade em construção? Como sentidos e sensibilidades são impactados e inauguram novas maneiras de estar e sentir o mundo? Como os sujeitos são educados pelo e para o espaço urbano? Encontro com as fontes: como captar sentimentos, expectativas e experiências dos habitantes de um arraial que conviveram com intensas transformações do espaço urbano?¹

¹ Este artigo é baseado na dissertação *Educando os sentidos, fundando sensibilidades: dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900)*. A pesquisa foi defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, orientada pela profa. dra. Andrea Moreno, coorientada pelo prof. dr. Tarcísio Mauro Vago e contou com financiamento da Capes.

Nas últimas décadas, uma intensa produção historiográfica² privilegiou como temática as transformações e as reformas dos espaços urbanos aos finais do século XIX e, mais especificamente, a construção da uma nova capital Belo Horizonte, ressaltando essa iniciativa como tentativa de inserção do Estado numa ordem caracterizada pelo progresso, modernidade e civilização.³ Tal produção privilegiou, sobretudo, aspectos relativos às concepções urbanísticas que guiaram o projeto da cidade, destacando-se a inspiração em outros modelos urbanos considerados símbolos da modernidade, discutindo, especialmente, as tentativas de racionalização e modernização do espaço urbano, embasadas em teorias higienistas e sanitaristas em destaque naquele momento histórico. Contudo, essa produção pouco privilegiou os impactos dessa (re)ordenação sobre os sujeitos, os novos ritmos e hábitos impostos pela urbanização, conferindo-lhes novas sensibilidades.

Sabemos da dificuldade, enfrentada pelo historiador, em recuperar as sensibilidades, formas de apreensão do mundo que escapam a um conhecimento racional e científico. O reconhecimento das subjetividades, pela História Cultural, impôs aos historiadores “um treino no olhar” conferindo-lhes a capacidade de recuperar a experiência sensível do *outro*.⁴ É, nessa iniciativa, que intentamos por fontes documentais que nos possibilitem recuperar os sentimentos, a emoção, de um outro tempo histórico, que materializados pelos sujeitos do passado – em registros orais, escritos ou imagéticos – servem à investigação como vestígios, marcas, pegadas de um outro tempo (PESAVENTO, 2004).

Sabemos também que algumas personagens da cidade como os fotógrafos, artistas, literatos, ou seja “leitores privilegiados da cidade”, usando a expressão de Pesavento (1995), são capazes de expressar e materializar as sensibilidades do real vivido. Possuem uma relação privilegiada com a cidade, um olhar treinado, educado para perceber as sensibilidades de um tempo e expressá-las por meio de suas obras.

² Sobre esse aspecto e sobre algumas mudanças na percepção humana sob o impacto das novas tecnologias, destaco os textos de Sevcenko (1998 e 2001) e Giovanaz (2000).

³ A ideia da construção de uma nova capital para Minas Gerais é debatida desde os acontecimentos da Inconfidência Mineira, sendo retomada após a Proclamação da República. Em 1891 é aprovado o projeto que prevê a instalação de uma comissão para o estudo das possíveis localidades para sediar a capital. Em 1893, é definido o arraial do Curral Del Rey e organiza-se a Comissão Construtora. No ano de 1894 inicia-se a construção e a cidade de Minas, futura Belo Horizonte, é inaugurada no ano de 1897 (VEIGA, 2002; JULIÃO, 1992).

⁴ Para a problematização da ideia de sensibilidade foi fundamental a leitura dos textos de Febvre (1989) e Gruzinski (2007) e Pesavento; Langue (2007).

Recuperar, portanto a produção de escritores das cidades torna-se fundamental ao estudo das sensibilidades.

Falar sobre a constituição de uma sensibilidade urbana exige-nos um olhar atento para o espaço, seus habitantes, suas casas, sua paisagem, seus sons, suas comidas, seus hábitos e ritmos. Escolhi para dizer dessas transformações as lentes de um português: Alfredo Camarate. Dedicou-se à produção jornalístico-literária⁵ publicando no jornal *Minas Geraes*, ao longo de 1894, primeiro ano de construção da futura capital Belo Horizonte, a série *Por montes e valles*.⁶ Como “escritos do cotidiano”, produzida à época da construção da cidade, tais crônicas fornece-nos indícios tanto da experiência sensível dos sujeitos de outrora, quanto das alterações no espaço físico e social do arraial-cidade. Logo percebi a potencialidade desse conjunto de crônicas para a temática da cidade e da conformação de uma sensibilidade urbana. O estudo cuidadoso dessas veio conduzido por um olhar atento àquele que as escreveu.

Difícil precisar quais as intenções que o motivaram deixar o Rio de Janeiro, onde vivia há alguns anos, e se mudar para o canhestro arraial, local em que seria erguida a planejada capital “Minas”. Mas podemos indiciar a vinda desse sujeito a partir de alguns vestígios e, sobretudo, fazendo associações entre a sua formação e os múltiplos lugares que ocupou e por onde transitou. Português, nascido em Lisboa em 1840, Alfredo Camarate chegou ao Brasil aos 32 anos de idade. Ainda na Europa, formou-se na Inglaterra em arquitetura, estudando música e crítica de arte.⁷ Além disso, Camarate desenvolveu um olhar interessado e sensível por diferentes espaços,

⁵ A partir da “dica” do trabalho de Abílio Barreto (1936), fui para o arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, percorri todos os números do jornal *Minas Geraes*, publicados nos anos de 1893 a 1895. Localizei 53 crônicas, que compunham uma série assinada por Alfredo Riancho, intitulada *Por montes e valles*. Além dessa série, também foram localizadas aproximadamente 50 crônicas publicadas no ano de 1893.

⁶ Alselmo Ribas (1893) escreveu sobre sua viagem à Minas Gerais. Algumas crônicas, com o título *Por montes e valles*, assinadas por ele, foram publicadas no *Jornal Minas Gerais*, n. 117, de 1º de maio de 1893, p. 2 e 3, e no n. 123, em 7 de maio de 1893, p. 3 e 4. Ao que tudo indica, essa publicação foi interrompida. Porém, a viagem de Ribas foi descrita no livro *Por montes e valles* (Ouro Preto e Vassouras). São constantes, nessa obra, os diálogos entre ele e seu companheiro de viagem Riancho (pseudônimo de Alfredo Camarate). É interessante que, no ano seguinte, Riancho passasse a assinar uma série de crônicas com o mesmo título, aqui mobilizadas como principal fonte da pesquisa.

⁷ As informações biográficas de Alfredo Camarate foram encontradas na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano XXXVI, 1985, que publicou a série *Por Montes e Valles*, e também nas suas crônicas. Em uma de suas crônicas, Alfredo Camarate comentou sobre sua relação profissional com a arte. Conforme Camarate, “se os bens da fortuna nunca me proporcionaram meio de ser colecionador, os encargos da minha profissão, como conservador do museu de arte ornamental, na Academia Real das Belas Artes de Lisboa, e as minhas incessantes viagens puseram-me em contato com tudo ou quase tudo quanto há de belo, nas diversas províncias das Belas Artes”. (RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XI. Jornal Minas Geraes*, n. 103, 18 de abril de 1894, p. 1 e 2.)

percorrendo muitas cidades na Europa e na África. No Rio de Janeiro, foi inspetor do Conservatório Imperial Musical, bem como escreveu para o *Jornal do Comércio*. Também há indícios de sua produção jornalística e literária em vários lugares, como no Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires, assim como em jornais publicados nas cidades mineiras de Sabará e Ouro Preto.

Nos limites de um exercício biográfico, podemos distinguir quatro facetas desse sujeito: o engenheiro/arquiteto; o artista e estudioso de arte; o cronista; o viajante. Esses foram alguns “papéis” assumidos por essa personagem nas crônicas escritas sobre Belo Horizonte. Trata-se de facetas indissociáveis, responsáveis por tecerem tramas diferentes na escrita do cronista. Vir a Belo Horizonte, estabelecer-se nesse local, lugar impactado por intensas mudanças no espaço físico e social, poderia corresponder a várias expectativas. Como engenheiro e arquiteto, ele poderia contribuir para a construção da cidade, fazer parcerias, obter negócios. Como homem voltado para as artes, foi um dos primeiros membros do Gabinete Photographico, importante setor da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), que tinha como objetivo registrar os feitos da Comissão além de divulgar, inclusive para fora do país, a cidade-planejada. Sabe-se também que Camarate foi um incentivador da produção musical no local, realizando as primeiras audiências musicais na cidade.

Como viajante, observou que a vinda para uma cidade em construção, planejada para ser a nova capital de um Estado, seria uma experiência da qual não poderia prescindir; “ponto obrigado hoje, para todos os viajantes”,⁸ local onde pretendia demorar-se por algum tempo e recolher da experiência assuntos para muitos artigos. Como cronista e jornalista, encontrou na cidade uma grande oportunidade: escrever para o *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado, publicado em Ouro Preto, na Imprensa Oficial do Estado. Não foi possível perceber se a publicação das crônicas “Por montes e valles”, geralmente, em dois dias da semana, fora algo “encomendado”. Mas é fato que, em 1894, ano de início da construção da cidade, as únicas notícias sobre a cidade/arraial, no periódico oficial, eram trazidas pelas crônicas de Alfredo Riancho, pseudônimo de Alfredo Camarate.

Arquiteto, artista, crítico musical, jornalista, viajante: facetas indissociáveis que se amalgamam no cronista. A escrita só é possível e só faz sentido ao narrar a

⁸ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles II. Jornal Minas Geraes*, n. 74, 18 de março de 1894, p. 4.

experiência do viajante, daquele que circula, que traz história, mas também a experiência de cidadão – aquele que mora na cidade – que fica, que se demora nela, que se deixa entranhar.

Crônicas: uma escrita da modernidade

O que faz das lentes de Alfredo Camarate potentes para perscrutar esse arraial em transformação? Escritas por “quem vem de fora”, com olhar estrangeiro, viajante e atento, que tudo estranha, repara e percebe diferenças, chama-nos a atenção as minúcias e os detalhes com que Camarate narra alterações sutis e singulares, imperceptíveis a um olhar familiarizado.

Escrita do “dia-a-dia”, ao rés-do-chão. Essas expressões são utilizadas por Antonio Candido (1992) ao pensar nas crônicas como gênero literário. Essa escrita que “fica tão perto do dia-a-dia”, possibilita tratar de temas que rompem com o monumental e com a pompa da linguagem. Possuem a característica positiva de re(estabelece) o lugar das coisas e das pessoas, e de construir sua grandeza a partir do miúdo, do cotidiano, do corriqueiro e do quase “desprezível”.

Candido (1992) também comenta que ela é amiga da verdade e da poesia. Se expressa tanto pela linguagem mais direta, quanto na mais fantástica. Filha do jornal e da máquina de grandes tiragens, não tem a pretensão de durar. Impressa em um veículo que facilmente é esquecido no bonde ou em alguma parada do leitor, destitui-se de pretensões do eterno, não são escritas “do alto da montanha” por escritores que querem admiração na posteridade. Escritas ao rés-do-chão aproximam a literatura da vida de cada um, falam dessas vidas e escrevem para essas vidas. Despertam os indivíduos para a própria vida.

Caso não virem embrulho surpreendem os leitores do futuro, principalmente nós historiadores no mergulho do arquivo. Sua leitura, pelo olhar do historiador – mas também do olhar de deleite – nos leva a pensar sobre “coisas sérias”, questões de fundo, apesar de um aparente zigzague e de um tom de “conversa fiada”. Descrevem a vida, relatam caprichosamente os fatos, pintam personagens e paisagens (CANDIDO, 1992). O olhar atento aos detalhes do cotidiano, à trivialidade, próprio do cronista nos ajuda, contudo, a pensar sobre a modernidade, não como algo dado, mas expressa, por exemplo, nas sensibilidades.

As crônicas escritas por Alfredo Camarate oferecem, portanto, aos historiadores contemporâneos indícios dos costumes dos habitantes, da introdução de elementos da urbanização, dos espaços do arraial, da construção da cidade. Enfim, os escritos do viajante mostram como novas sensibilidades vão sendo fundadas na vivência de uma experiência moderna, o modo pelo qual os sentidos vão sendo impactados, como mudam as maneiras de ver e ouvir, de sentir cheiros e gostos, de sentir uma cidade “pelos poros” do corpo.

É possível pensar Alfredo Camarate como narrador a partir do que Walter Benjamin nos ensina sobre essa figura. Sua escrita parte de uma experiência sensível, que, nas crônicas, expressa imagens literárias. Elejo crônicas que falam sobre a vida na(s) cidade(s) e que se configuram como uma narrativa de um viajante que tem algo a comunicar. Nosso protagonista, a partir de sua escrita, mesmo que parta de uma experiência individual, “transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito” (GAGNEBIN, 1994, p. 11). Além disso, há um esforço de memória, conjugando-se passado e presente que se expressam na narrativa-escrita. Há também uma oralidade nessa escrita, uma fala que evoca a audição do leitor. Como lembra Benjamin (1994), “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (p. 198). A narrativa do cronista não quer transmitir uma informação ou um relatório sobre a construção da cidade. “Ela (a narrativa) mergulha a coisa na vida do narrador”; na narrativa está impressa a marca do narrador, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 205).

Sua escrita, uma narrativa, inicia-se com a descrição das circunstâncias que lhe permitiram e o fizeram contar o que vem a seguir. Por vezes, Camarate imprime, à narrativa, uma experiência autobiográfica e também, em muitas crônicas, narra novamente a experiência alheia, o que seus ouvidos de escuta atenta elegeram reter na memória. Podemos sugerir que, para o autor, a dimensão do sensível, a presença corporal, os sentidos são formas de se apropriar do mundo e que a relação desses elementos com objetos, pessoas e com a materialidade arquitetônica, por exemplo, dizem-nos sobre as formas de estar no mundo. Podemos também afirmar que os dados coletados pela impressão sensorial em uma cidade em construção também passam por processos de ordenação e são postos em relação a outras experiências e lembranças.

Nesse sentido, podemos pensar na sensibilidade do cronista que, a partir da sua impressão sensorial mais imediata no arraial, colocou em diálogo experiências anteriores, materializadas nas suas narrativas no *Minas Gerais*.

As crônicas, reunidas na série *Por montes e valles*, não dizem apenas desse arraial-cidade. Partindo da experiência do viajante, elas falam de cidades, expressam o fascínio e o gosto que alguns sujeitos por elas desenvolvem. É perceptível, na narrativa de Alfredo Camarate, as constantes referências aos centros urbanos, a Londres, a Paris, ao Rio de Janeiro e aos modos de vida nesses espaços. A partir dessas é possível montar uma fisiognomia⁹ da cidade moderna. Pensamos nesse gênero literário, tipicamente urbano, como uma “filha” do folhetim, como uma escrita destinada a se vender nas ruas. Como nos fala Benjamin, “nesse gênero ocupavam lugar privilegiado os fascículos de aparência insignificante, e em formato de bolso, chamados ‘fisiologias’. Ocupavam-se da descrição dos tipos encontrados por quem visita a feira. Desde o vendedor ambulante do bulevar até o elegante no foyer da ópera, não havia nenhuma figura da vida parisiense que o ‘fisiólogo’ não tivesse retratado” (1989, p. 33 e 34). Assim, a crônica pode ser reconhecida como uma escrita da rua: lugar onde se coloca o escritor, onde se colhem os motivos, motivações e inspirações para a escrita. Na rua está o seu começo, seu nascimento. Na rua também está seu fim, sua morte, seu esquecimento, quando se torna mercadoria.

Como fisiognomista, Alfredo Camarate conseguiu “transmitir e preservar a sensação da Modernidade como ‘figura interna’, isto é, como uma experiência gravada no íntimo do sujeito” (Bolle, 2000, p. 26). O estudo do cotidiano da Modernidade não pode prescindir do olhar de fisiognomistas que “perseguido rastros e detalhes ‘aparentemente irrelevantes’, desmacaram feições e feitos da Modernidade, inscrevendo-se entre os grandes ‘detetives’ da história” (p. 19). Camarate, em suas crônicas, matizou a positividade da modernidade, motiva a pensar que o progresso comporta avanços e regressões.

Além disso, a forma da crônica também é reveladora da aproximação desse cronista-viajante com a modernidade. Ajudam a inaugurar uma nova sensibilidade: possuem um prazo de validade, educam o leitor para novas formas de percepção, relacionadas à velocidade e à exposição a um volume intenso e imenso de informação.

⁹ Neologismo utilizado por escritores da Modernidade, entre eles, Walter Benjamin, que se refere à fisionomia da cidade e ao olhar do fisiognomista (BOLLE, 2000).

O olhar de cronista sobre a cidade

Na experiência de Alfredo Camarate na cidade em construção, é possível identificar diferentes olhares que o viajante lançou sobre ela: olhar de arquiteto, olhar de artista, olhar de cronista. Um olhar mais racionalista, influenciado por sua formação técnica, de especialista, encantado com o planejamento. Outro, mais sensível, cuidadoso, captando e selecionando imagens do antigo arraial e da nova cidade, fazendo observações sobre a arquitetura, sobre a arte. Ainda mais um olhar, apurado, curioso, que captava cenas, costumes e hábitos dos habitantes, que ia às minúcias, dizia de detalhes. O cronista farejava sinais para detectar qualidades e enfermidades, para elaborar suas impressões e fazer comparações. Foi a partir deles que Camarate “coleccionou” informações, personagens, imagens; construiu representações¹⁰ e narrou suas experiências através da escrita. Anuncia uma de suas caras atividades: observar e representar sujeitos.

Esses olhares que lançou sobre o arraial de Belo Horizonte nos aproximam desse espaço em transformação. Educado por outros lugares, pela arquitetura de outras cidades, pelas multidões que as habitavam, pelos elementos que as compuseram, seu olhar, nesse arraial, foi de estranhamento, captando, principalmente, o que lhe era incomum. Saltava-lhe aos olhos a aparência dos moradores, suas casas, suas vestimentas. Seu olhar prendia-se à materialidade do espaço, das ruas, das casas. Esse olhar de cidadão desnaturalizava o que era comum para os habitantes do arraial, conseguia perceber o que lhes era mais característico, idiossincrático.

Chega a Belo Horizonte. Depois de uma longa viagem a cavalo, partindo de Sabará, Alfredo Camarate avistou “a povoação de Bello Horizonte, encrustada n’uma matta verde-negra e densissima, d’entre a qual emergiam os campanarios da igreja,

¹⁰ Aqui estamos nos referindo à noção de representação apresentada por Chartier (2002) como uma das principais categorias para a História Cultural. Ao utilizar o conceito, o pesquisador ocupa-se de identificar como determinada realidade é construída, pensada e dada a ler. Dessa maneira, enfocam-se os embates entre diferentes representações de mundo que querem intervir no social e que, portanto, comandam os atos e as diferentes ideias, práticas ou aparatos, os quais expressam concepções de mundo e organizam o “ser e o estar” no meio social. O termo representação também é portador de múltiplos sentidos e pode se referir a uma ausência, sendo, desse modo, necessário colocar algo ou alguém para representá-la. Por isso, guarda semelhança com o que está oculto, com a exibição de objetos ou pessoas. As representações construídas sobre o mundo fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. Em outras palavras, a partir de suas “imagens” de mundo, as pessoas fazem escolhas, constituem relações, inscrevem-se de determinada forma no meio social. Além disso, são responsáveis por gerar condutas e práticas sociais. Os indivíduos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem da realidade.

construída nas primitivas simplicidades da *architectura*".¹¹ A distância do povoado permitia-lhe apenas lançar o olhar sobre seu destino. Captou as cores da natureza do lugar e as formas da arquitetura. Olhar de artista, que matiza a paisagem natural, e de projetista, que já "prevê" e qualifica a arquitetura do local.

Ainda lhe faltavam algumas léguas a percorrer até a chegada ao destino planejado. Nesse momento, Alfredo Camarate observa que a paisagem começava a se modificar. Se antes foi descrita pelas belezas e surpresas da natureza, agora ganhava outros elementos. A viagem começava a apresentar uma feição absolutamente diferente:

Enveredamos por uma rua extensíssima, muito larga, muito parecida com alguns caminhos de certas povoações da África ocidental. Umhas casas muito humildes com apparencias de cubatas e, nos intervallos das casas, longos muros de barro vermelho, assombreados por arvores fructíferas. Mas tudo aquillo muito limpo, muito alinhado e sempre da mesma forma e com o mesmo encanto se chega a Bello Horizonte; "um bello horizonte; na realidade!"¹²

O seu gosto particular pela atividade de observação dos espaços e dos sujeitos tornara-se uma "profissão". Nas primeiras crônicas, Alfredo Camarate já revelava seu método: observar, ser surpreendido, deixar-se ao acaso e ao imprevisto. Nada lhe escapava: a topografia das ruas, a coloração das casas, o clima da cidade, a aparência dos moradores.

Posicionava-se como viajante, mas não como turista. Queria deixar-se levar pelo imprevisto, queria colher experiências, recusando prescrições e conselhos de "Guias e itinerários". Em suas palavras: "Em Bello Horizonte, tenho feito o que sempre fiz em todos os pontos que tenho visitado: sigo pelas ruas, travessas e praças, ao acaso; colhendo, na inesperada variedade de episodios que o acaso me proporciona, muito melhor e proveitoso ensinamento".¹³ Nada pode ser pré-determinado, não se pode ver o que o outro já viu, ter a mesma experiência ao olhar, nada substitui o *seu* olhar, que não pode ser guiado pelo outro e, muito menos, pela página impressa de um guia. Olhar desobediente, que elege o que quer ver: "Segui o itinerarios dos *Guias*, por muito bons que elles sejam, é, para mim, uma cousa identica a obedecer às despoticas regras dos

¹¹ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles III. Minas Geraes*. Ano III, n. 77, 21 de março de 1894, p. 1.

¹² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles III. Minas Geraes*. Ano III, n. 77, 21 de março de 1894, p. 1.

¹³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles IV. Minas Geraes*. Ano III, n. 80, 25 de março de 1894, p. 1.

academicistas ou aos rigorosos preceitos dos classicos puros e enfumados”.¹⁴ Seu guia era os sentidos:

Para os *gozos* do espirito, para as galas deslumbrantes, que nos acariciam os olhos, o acaso e o imprevisto são, para mim, as condições mais eficazes, para a impressão esthetica. Assim como não ha dois paysagistas que vejam e sintam um ponto da paizagem da mesma maneira; assim tambem não ha auctor de *Guia* ou de *Itinerario*, que descreva um logar ou um monumento por modo que se coadune com o differente temperamento artistico dos seus diversos leitores ou consultantes.¹⁵

Ao longo da série de crônicas, são apresentados aos leitores estes dois tempos que passaram a conviver na construção de Belo Horizonte: o tempo dos hábitos caseiros dos moradores, que não têm a rua como lugar de sociabilidade, e o tempo da incorporação de novos elementos que convidam para o espaço público. Camarate advertia sobre a necessidade de se criar espaços que favorecessem essa socialização: bares, cafés, musicatas, bailes dançantes. Os sentidos também deveriam ser instigados com a diversificação dos gêneros alimentícios, com as encenações teatrais, com os aparatos higiênicos e de embelezamento que transformam os corpos e os preparam para a exposição nas ruas.

A dificuldade inicial de conseguir abrigar tantos estrangeiros justificava a carência de divertimentos e de “gosos dos sentidos”:

A principio, os arranjos domesticos preocuparam exclusivamente todas as familias. Não era negocio de pouca monta accommodar filhos e demais parentes, em casas mal abrigadas e despidas de toda a sorte de conforto; puchar pelo talento culinario, para fazer refeições ingeriveis, com os poucos recursos de que se dispõe, arranjar servos onde até faltam cavadores de enxada; descobrir agulhas, alfinetes, fitas, pentes, perfumarias, papel, pennas, etc, porque tudo faltava, nos primeiros dias, n’uma população preparada para as mais simples exigencias de um povo do interior de Minas.¹⁶

A falta de acomodações e de alimentos que satisfizessem a sensibilidade dos recém-chegados denuncia, para o cronista, além do despreparo do povo para receber aqueles que ajudariam na constituição e na construção da cidade moderna, uma

¹⁴ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. *Minas Geraes*. Ano III, n. 80, 25 de março de 1894, p. 1.

¹⁵ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles IV. *Minas Geraes*. Ano III, n. 80, 25 de março de 1894, p. 1.

¹⁶ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. *Minas Geraes*. Ano III, n. 124, 10 de maio de 1894, p. 4.

sensibilidade “preparada para as mais simples exigencias de um povo do interior de Minas”. Objetos indispensáveis à uma vida urbana – agulhas, fitas, pentes, perfumarias, papel, penas – refletem uma preocupação com a aparência, com o cultivo do corpo, resultado de uma sociabilidade intensa, na qual todos estão expostos aos olhares dos outros. Não nos esqueçamos de como o olhar ganha privilégio sobre os outros sentidos na modernidade e passa a intermediar, ou pré-intermediar, a relação entre pessoas e objetos. Papel e penas são indispensáveis àquele que faz, da experiência urbana, o seu trabalho e que diariamente utiliza esses materiais na escrita do cotidiano.

Desses objetos, a constituição de uma cidade moderna não poderia prescindir. Sem elementos que conformam certa tolerância à aparência, aos cheiros exalados pelo corpo, aos trajes que o cobrem, que também o expõem ao olhar e sem um cronista para narrar o cotidiano da cidade, o plano do urbano não se efetivaria. Algumas mudanças materiais já aconteciam na cidade, e agora outras deveriam modificar o cotidiano, incorporando-se novos hábitos, alterando costumes.

Mas agora, que o *stock* dos armazens d’aqui se tem avolumado consideravelmente; agora que todos ou quasi todos têm as suas choupanas com modesta garridice de salões, começa-se a pensar no alimento do espirito e, para as senhoras, o *alimento do espirito* são bailes, musicatas e reuniões de todo o genero; reuniões que se fazem sem programma, porém que o espirito da mulher substitue victoriosamente, com milhares de frivolidades, de bellos nadas; mas que ao adormecer, nos deixam recordações vagas e gratissimas de uma noite deliciosamente passada.¹⁷

Desse lugar que ocupava, pretendia também traduzir para o leitor de suas crônicas e para os moradores do arraial a experiência da modernidade, tendo como principal mote a expressão arquitetônica pensada para a cidade nascente.

A beleza, as formas, a estética das construções da cidade planejada e tracejada foram captadas pelo olhar do cronista: “Vi, sem cometer indiscreção de reporter, o plano da estação da estrada de ferro e que me pareceu edificio de grande gosto architectonico e, em todo o caso, muito superior, em beleza, às estações que possuem as nossas estradas de ferro”.¹⁸ Na construção da nova capital, uma das principais

¹⁷ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XV. *Minas Geraes*. Ano III, n. 124, 10 de maio de 1894, p. 4, grifos do autor.

¹⁸ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XVI. *Minas Geraes*. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p. 3.

preocupações seria justamente o plano e a construção da estação da estrada de ferro, porta de entrada – e saída – da cidade e que simboliza sua entrada na modernidade.

A cidade se apresentava ao viajante como texto a ser lido, interpretado. Sua estrutura física era comparada aos efeitos e às estratégias de discursos empregados na construção de um texto literário. A construção da cidade e a escrita de um texto possuíam uma mesma função, qual seja: a de impactar seus habitantes e leitores. Para tanto, são empregadas, para tal efeito, diferentes estratégias:

Dizem alguns, que se deve reservar, para o fim, os grandes efeitos e estes entendem que, no discurso, no livro, no drama, o epílogo deve ser a apoteóse que tem de coroar toda a obra oratória, romântica ou dramática; essa famosa chave de ouro que, na opinião delles, resgata todas as faltas e fraquezas do principio e do meio e que se esteia, no velho adagio francez: *tout est bien, qui finit bien*.

Sustentam outros e com argumentos não menos convincentes, que todo o efeito esthetico de qualquer produção litteraria ou de arte depende da primeira impressão, que a obra litteraria ou artistica exerce sobre o leitor ou sobre o espectador e fundamentam elles esta opinião, em que o espirito dos homens se leva, por todos os atalhos agrestes e fatigantes, por todos os meandros tortuosos e cobertos de silvas, contanto que os primeiros passos da jornada se effetuem, por caminho plano, direito, agradável e assombreado.¹⁹

Os efeitos na linguagem, que visam tanto prender a atenção do leitor, quanto dar visibilidade às boas qualidades do autor, também devem servir como estratégia para aqueles que devem construir um texto cidadão. Camarate indicou sua preferência na escrita das suas crônicas e apontou também como a cidade deveria ser construída para que seus efeitos fossem valorizados por aqueles que a habitavam e que a visitavam. Em outras palavras, Alfredo Camarate dava um conselho de “bom” escritor para o construtor da cidade:

Eu, por minha parte não digo positivamente nem que sim nem que não; porque, por ambos os principios tenho deixado empolgar o meu interesse e a minha atenção; mas, em todo o caso, se bem que vá de encontro a todos os principios da logica, opto pela doutrina de conquistar as sympathias e benevolencia dos que me lêem ou dos que me ouvem logo nas primeiras palavras ditas ou escriptas; porque, para o recheio central ou final, nunca me faltam artes e manhas, para navegar corajosa e desafrontadamente num mar, que eu já sei de ante-mão que está livre de tufões e de procellas.²⁰

¹⁹ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. *Minas Geraes*. Ano III, n. 141, 27 de maio de 1894, p. 5.

²⁰ RIANCHO, Alfredo. Collaborações/Por Montes e Valles XX. *Minas Geraes*. Ano III, n. 141, 27 de maio de 1894, p. 5.

Posicionando a favor dos grandes efeitos na literatura e na cidade, logo na primeira olhada, Camarate apontou o que deveria ser melhor trabalhado na construção da *urbs*. Logo que chegar à cidade, o viajante e o próprio morador devem saber ou lembrar – no caso do morador – o lugar onde estão. A percepção do olhar informa sobre esse espaço, ou melhor, sobre a sua representação, sua concepção, seus princípios norteadores. O que colocar à primeira vista daqueles que chegam à cidade? Que construção escolher para dar significado a esta cidade? Simbolizá-la. Qual é a sua porta de entrada?

Alfredo Camarate não sabia se o engenheiro responsável por escrever o texto da cidade estava observando esse princípio de causar efeito e impactar as vistas logo na chegada à cidade. Contudo, Camarate observou que, mesmo sem essa intenção, a recepção na cidade pelo prédio da estação ferroviária causaria muitas impressões: “o que posso afiançar é que os *touristes* que visitarem o ex-Bello Horizonte transformado na garbosa ‘Minas’ embatucarão imediatamente, diante da estação da estrada de ferro, erguida na nova Capital!”.²¹

Quais os motivos que levariam os estrangeiros embatucarem diante da construção, do edifício da estação? É a suntuosidade arquitetônica do edifício que deve produzir essa deslumbrante impressão? Essa pré-construção imagética da estação é traduzida na narrativa:

É a grandeza da construção?

É a prolixidade da ornamentação?

É o estylo exótico e torturado dos lineamentos principais do edifício?

Não é nada disso que deve ostentar a futura *gare* da Capital de “Minas”.

O que este edifício tem de mais característico é a sua feição eminentemente prática, emoldurada numa arquitetura simples e relativamente econômica e que, no meio da sua economia e simplicidade, apresenta grande elegância no agrupamento de linhas, grande clareza no aspecto exterior e que faz saltar aos olhos o fim a que é destinado o edifício e sobretudo uma grande comodidade; destas comodidades que se não arreiam com ostentações de requintado conforto e que se traduzem – por tudo quanto é necessário e nada mais do que o strictamente necessário!

Na fachada principal, nota-se, logo à primeira inspeção, esse ecletismo arquitetônico moderno, que é a feição quasi geral dos edificios construídos na segunda metade deste século. O pavimento terreo (se assim se pôde chamar) tem grande harmonia de linhas, graciosamente interrompida por duas rampas com balaustres e que corta artisticamente essa tal ou qual superabundância de paralelas, que ostentam todos os estylos de arquitetura.

²¹ RIANCHO, Alfredo. Collocações/Portos e Valles XX. *Minas Geraes*. Ano III, n. 141, 27 de maio de 1894, p. 5.

Estas duas rampas dão serviço aos peões, que têm, além disso, como entradas e vomitórios, duas portas lateraes; ao passo que os ricos ou os commodistas têm acesso directo pela porta principal, onde os carros entram e rodam com o maior desafogo.²²

A descrição que leva ao leitor a construir imageticamente a estação expressa essa fusão entre técnica e estética, possibilitada pela arquitetura. A feição prática e econômica do edifício está aliada à elegância do agrupamento de linhas, ao ecletismo moderno, à harmonia das linhas. Além disso, a construção é pedagógica, fazendo saltar “aos olhos o fim a que é destinado o edifício”. O que se quer revelar, “o fim que se destina” seria também uma forma de revelar a cidade. A arquitetura expressa a técnica, a velocidade, a ciência. Também expressa a estetização desse espaço, o controle das formas. O cronista, como catalizador de sentimentos, mostra como essa união impacta os sentidos:

Poderia apresentar ainda muitas informações sobre as dimensões, sobre detalhes na decoração e ornamentação do edificio que se vae construir em Bello Horizonte, mas eu tenho, por séstro velho, escrever segundo as impressões do momento e se, nas descrições, a analyse perde com isso, ganha a verdade do que descrevo e que faço sempre, respeitando a sinceridade da commoção esthetica e a probidade na sua manifestação.²³

A escrita literária, nesse caso particular, a crônica jornalística, nos forneceu indícios de como a vida, pouco a pouco se alterava pela introdução de novos valores, comportamentos, gestos e também por um aparato material (objetos, arquitetura, materiais) trazidos pela modernidade. Há aí uma potencialidade dessas crônicas que, apesar de terem sido escritas e divulgadas em um único ano dizem-me de um processo mais amplo, duradouro o qual passa pela constituição de uma vida urbana. O período é curto, mas singular, porque, como um tempo de intensas mudanças, marcou alterações, demarcou um outro modo de vida, fez explodir novas sensibilidades.

A série *Por montes e valles* ganhou os ouvidos e olhos, instigou no passado e instiga-nos no presente a continuar narrando a experiência de viver em uma cidade em (re)construção. Guardada no arquivo, quase esquecida, quase destruída, muitas vezes em pedaços, foi possível narrar uma história de Belo Horizonte.

²² RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes*. Ano III, n. 141, 27 de maio de 1894, p. 5.

²³ RIANCHO, Alfredo. *Collaborações/Por Montes e Valles XX. Minas Geraes*. Ano III, n. 141, 27 de maio de 1894, p. 5.

Referências

- BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. História Média. V.1. Belo Horizonte: Rex, 1936.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas VIII – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Obras escolhidas VI – magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.
- CANDIDO, Antonio. À guisa de introdução: a vida ao rés-do-chão. In: SETOR DE FILOLOGIA DA FCRB (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002. (Memória e sociedade).
- FEBVRE, Lucien. Como reconstruir a vida afectiva de outrora? A sensibilidade e a História. In: _____. *Combates pela história*. 3. ed. Lisboa: Presença, 1989.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GIOVANAZ, Marlise. Em busca da cidade ideal: o planejamento urbanístico como objeto da história cultural. In: *Anos 90*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: UFRS, p. 38-46, 2000.
- GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). 1992. 200 f. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 1992.
- PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.
- _____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document229.html>>. Acesso em: 16 mar. 2016.
- PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, F. (Orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. v. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- RIBAS, Alselmo (Coelho Neto). *Colleção Brasileira: Por monte e valles* (Ouro Preto e Vassouras). Rio de Janeiro: Oficinas da Livraria Moderna, 1893.
- SEGANTINI, Verona Campos. *Fundando sensibilidades, educando os sentidos: dos sujeitos na cidade (Belo Horizonte, uma capital no ano de 1900)*. 2010. 229 f. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil: da Belle époque à era do rádio*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.
- _____. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 1.
- VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Minicurrículo

Verona Campos Segantini é graduada em História (FAFICH/UFMG), doutora e mestre em Educação (FaE/UFMG); professora adjunta do Departamento de Artes Plásticas (EBA/UFMG), lecionando disciplinas nos cursos de graduação Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis e Museologia.